

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WIVIANNE GABRIELLE DE OLIVEIRA AMORIM ARAÚJO

**O COMPARTILHAMENTO DA ATENÇÃO COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA**

Maceió

2015

WIVIANNE GABRIELLE DE OLIVEIRA AMORIM ARAÚJO

**O COMPARTILHAMENTO DA ATENÇÃO COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nadja Maria Vieira da Silva

Maceió

2015

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

A663c Araújo, Wivianne Gabrielle de Oliveira Amorim.

O compartilhamento de atenção com crianças com transtorno do espectro autista / Wivianne Gabrielle de Oliveira Amorim Araújo. – 2016.
53 f. : il.

Orientadora: Nadja Maria Vieira da Silva.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 51-53.

1. Transtorno do espectro autista. 2. Atenção compartilhada. 3. Autismo – Criança.
4. Interação – Produção de sentidos. I. Título.

CDU: 159.762.76



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

WIVIANNE GABRIELLE DE OLIVEIRA AMORIM ARAÚJO

Título do Trabalho: **"O compartilhamento de atenção com crianças com transtorno do espectro autismo"**.

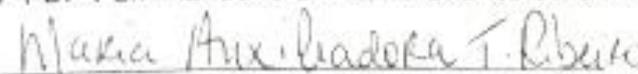
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:


Prof.ª. Dr.ª. Nadja Maria Vieira da Silva (UFAL)

Examinadoras:


Prof.ª. Dr.ª. Emmanuelle Christine Chaves da Silva (UFRPE)


Prof.ª. Dr.ª. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro (UFAL)

Maceió-AL, 29 de Abril de 2015.

AGRADECIMENTOS

Os primeiros agradecimentos estão todos no Altar do meu Deus, que me segurou nos braços e guiou meus passos, acalmou meu espírito diante das dificuldades e me deu ânimo para nunca desistir.

À minha mãe Giovannini, que a todo tempo incentivou minha caminhada, ajudou a superar os obstáculos, que sempre despertou em mim a força para continuar.

A meu amado marido Thiago, que sempre esteve acreditando em mim, que muitas vezes reergueu meu ânimo, que trouxe as palavras certas sempre.

À Associação de amigos do Autista de Alagoas, na pessoa de Mônica Ximenes, que abriu as portas desta instituição para minha pesquisa, e para meu crescimento profissional. Minha mais sincera gratidão!

Aos pais das crianças que participaram do estudo, Márcia Vitorino, Eudison Vitorino e Pollyana Veiga, meus agradecimentos pela confiança!

Aos amigos e professores do mestrado, com os quais eu pude mergulhar no universo das vertentes em psicologia, especialmente Maria Helena, Maria Edvania, Flávia Calheiros e todos os outros da turma.

À minha orientadora, professora Dra^a Nadja Vieira da Silva, com a qual eu pude ter momentos de grande aprendizado, onde se abriram novos olhares para a forma de estudar processos psicológicos. Que me guiou em cada passo, meu eterno agradecimento.

"Quando falamos em autismo, referimo-nos a pessoas com habilidades reveladoras, que calam fundo na nossa alma, e nos fazem refletir sobre quem de fato vive alienado."

Ana Beatriz Barbosa

RESUMO

Apresenta-se aqui um estudo sobre a atenção compartilhada de crianças com o diagnóstico de transtorno do espectro autista. O enfoque no compartilhamento da atenção refletiu o alinhamento desta pesquisa com pressupostos da abordagem sócio histórica. A motivação para uma abordagem sócio histórica da atenção de crianças com esse diagnóstico refletiu a predominância das informações que têm priorizado apenas os aspectos neurológicos dos distúrbios do espectro autista. O objetivo central desta pesquisa foi investigar o compartilhamento da atenção de duas crianças durante atividade em sessões de Terapia Ocupacional. A construção dos dados foi realizada a partir do método da videografia. No tratamento dos dados combinaram-se técnicas quantitativas e análise microgenética. Nos resultados destacaram-se principalmente uma ampla interdependência entre o compartilhamento de atenção e a produção de sentidos na interação. Além disso, destacou-se também que na produção de sentidos implicavam-se uma responsividade entre as ações que vincula ações do passado e do futuro na situação imediata do presente.

Palavras-chave: Espectro autista; Atenção compartilhada; Produção de sentidos; Responsividade

ABSTRACT

Here is presented a study on the shared care of children diagnosed with autism spectrum disorder. The focus on the sharing of attention reflected the alignment of this research with assumptions of historical social approach. The motivation for a historical and social approach to attention of children with this diagnosis reflected the predominance of information that have only prioritized neurological aspects of autism spectrum disorders. The main objective of this research was to investigate the share of the attention of two children during activities in occupational therapy sessions. The construction of the data was carried from the videography method. In processing the data were combined quantitative techniques and microgenetic analysis. The results mainly stood out a wide interdependence between attention sharing attention and the production of meaning in the interaction. It also stands out that the production of meaning implied is a responsiveness between the actions that links actions of the past and the future in the immediate present situation.

Keywords: Autism spectrum; Shared attention; Production of meanings; Responsiveness

LISTA DE FIGURAS

1. FIGURA 1- Brinquedos da criança C1.....	29
2. FIGURA 2- Brinquedos da criança C2.....	29
3. FIGURA 3: Tentativas sem olhar para o brinquedo.....	43
4. FIGURA 4: Acerto ao olhar para o brinquedo.....	43
5. FIGURA 5: Refletindo sobre o erro	46
6. FIGURA 6: Consertando o erro.....	46

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Quantidade de Compartilhamento de Atenção C1.....	33
TABELA 2-Quantidade de Compartilhamento de Atenção C2.....	34
TABELA 3- Transcrição evento 1(C 1).....	45
TABELA 4-Transcrição evento 2 (C 2).....	47

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Brinquedo Conhecido (C 1).....	35
GRÁFICO 4 - Brinquedo Conhecido (C2).....	36
GRÁFICO 2 - Brinquedo Novo Lúdico (C 1).....	36
GRÁFICO 5 - Brinquedo Novo Lúdico (C2).....	37
GRÁFICO 3- Brinquedo Novo não Lúdico (C 1).....	38
GRÁFICO 6 - Brinquedo Novo não Lúdico (C 2).....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO 1: A ATENÇÃO COMO PROCESSO COGNITIVO BÁSICO: DIFERENTES CONCEITOS E TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO.	15
2.1	A abordagem sociocultural da atenção	17
2.1.1	<i>Atenção e processos de significação</i>	18
2.1.2	<i>A Atenção compartilhada típica</i>	20
2.1.3	<i>A intersubjetividade no compartilhamento da atenção</i>	20
3	CAPÍTULO 2: A ATENÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	22
4	METODOLOGIA	26
4.1	Participantes	26
4.1.1	Caracterização dos Participantes	26
4.2	Local	27
4.3	Procedimentos para Construção De Dados	27
4.4	Análises dos Dados	29
5	RESULTADOS	32
5.1	Análise Microgenética da Relação entre Atenção e História	40
5.2	Significado e sentido	40
5.3	Intersubjetividade e atenção conjunta	42
6	DISCUSSÕES	49
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	51

1- INTRODUÇÃO

Por que estudar a atenção da criança com autismo?

O autismo é considerado uma síndrome comportamental que afeta o desenvolvimento infantil. A primeira descrição dessa síndrome, que ainda não se chamava autismo, foi realizada por Leo Kanner, em 1943, com base em observações de onze crianças e referia-se a um quadro bastante uniforme de características, envolvendo basicamente um desligamento das relações humanas, uma falha no uso da linguagem para a comunicação, a manutenção de uma rotina, fascinação por objetos e potencialidades cognitivas. Posteriormente, em 1953, ele modificou sua definição, restringindo-a ao isolamento e à insistência na preservação da rotina (LAMPREIA, 2003).

O mais recente lançamento do manual de doenças mentais *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM-V*, trouxe novos critérios diagnósticos para o autismo e difere-se da versão anterior do DSM-IV, que mencionava três critérios principais para diagnóstico: desafios da linguagem, déficits sociais e comportamentos estereotipados ou repetitivos. Os atrasos da linguagem não fazem mais parte do diagnóstico. No DSM-V considera-se que é difícil separar os déficits de comunicação e os déficits sociais, uma vez que estas duas áreas se sobrepõem de forma significativa. A comunicação é frequentemente utilizada para fins sociais, e os déficits de comunicação podem afetar drasticamente o desempenho social. Dessa forma, crianças cujo desenvolvimento for caracterizado essencialmente por déficits na interação social, além dos traços marcados pelos padrões comportamentais repetitivos, são diagnosticadas como autistas com a alarmante estatística da organização mundial de saúde de uma para cada 160 crianças.

A habilidade social e comunicativa tem seu início nos primeiros anos de vida de um bebê com desenvolvimento típico. Então, a comunicação não verbal é um elemento fundamental para que se estabeleçam as interações sociais e o desenvolvimento da linguagem. E crianças com autismo revelam ocorrências de atipias nos componentes não verbais da comunicação, o que desencadeia

dificuldades no desenvolvimento das habilidades comunicativas futuras como o desenvolvimento da linguagem pragmática.

Essas observações sugerem que o compartilhamento da atenção nas primeiras interações sociais de um bebê pode ser considerado como precursor da aquisição da linguagem. Um prejuízo nesse compartilhamento pode ser um indicador precoce de autismo, haja vista que o aspecto central da comunicação é o compartilhamento da atenção, que pode ser definido como habilidade de coordenar a atenção entre dois parceiros da interação social com fim de compartilhar uma consciência dos objetos ou eventos. Esta é, portanto, a razão do por que se estudar a atenção da criança com autismo. Por ser um aspecto de extrema relevância para o desenvolvimento dessas pessoas.

No entanto, embora se argumente que a atenção seja uma função que opera em situação de compartilhamento, de comunicação e produção de significados, muitas pesquisas têm abordado esse fenômeno por meio de condutas metodológicas que artificializam uma relação de causalidade e por essa razão concebem a atenção como uma função discreta, cuja atuação pode ser isolada, para estudo.

É importante que se tenha em mente o impacto positivo para os serviços e para as pessoas com autismo quando se ascende à possibilidade de se conhecer um pouco mais sobre os processos subjacentes a atenção dessas pessoas, pois são conhecidas as dificuldades do trabalho na Terapia Ocupacional – T.O. (doravante se utilizará essa forma abreviada), por exemplo, em razão dos problemas da atenção durante as atividades. Então, conhecer mais sobre o funcionamento da atenção significa instrumentalizar os serviços para que estes possam promover mais desenvolvimento e qualidade de vida para essas pessoas e para suas famílias.

Foi com esta perspectiva que se realizou uma investigação sobre a atenção de crianças diagnosticada com o transtorno do espectro do autismo. Esta investigação, que será descrita aqui, teve como objeto de análise a relação entre linguagem e o compartilhamento da atenção em crianças com autismo durante atividades em sessões de T.O. Na opção por se abordar a atenção compartilhada incide a afiliação do estudo com pressupostos discutidos nas abordagens socioculturais do desenvolvimento humano, onde se destaca a origem social e o funcionamento integrado dos processos cognitivos. Na conduta metodológica que se adotou para a análise dos dados, privilegiou-se o olhar aos aspectos dinâmicos,

variáveis e configurados em situações dialógicas, que quer dizer, em situações de práticas com linguagem, incluindo-se processos de significação e intersubjetividade.

2- CAPÍTULO 1: A ATENÇÃO COMO PROCESSO COGNITIVO BÁSICO: DIFERENTES CONCEITOS E TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO.

A atenção é estudada em diferentes áreas do conhecimento, tais como a psicologia, neurociência cognitiva, biologia, fisiologia, sendo considerada essencial para a compreensão dos processos perceptivos e funções cognitivas em geral. Brandão define a atenção como:

Capacidade do indivíduo de responder predominantemente os estímulos que lhe são significativos em detrimento de outros. Nesse processo, o sistema nervoso é capaz de manter um contato seletivo com as informações que chegam através dos órgãos sensoriais, dirigindo a atenção para aqueles que são comportamentalmente relevantes e garantindo uma interação eficaz como meio (BRANDÃO 1995 apud Franco de Lima 2005, p.114).

Numa apreciação desta definição, ainda que superficial, destaca-se que o aspecto mais relevante é função do sistema nervoso.

Garcia, Pereira e Fukuda (2007) ampliam a definição de atenção ao considerá-la como um construto multidimensional que se refere a uma variedade de relações entre o estímulo ambiental ou tarefas e respostas comportamentais. No entanto, ainda se observa um caráter determinista, na relação entre um estímulo e um comportamento.

Outros autores acrescentam ao que parece um desafio, de explicar a função de atenção enquanto processo cognitivo básico. De acordo com os estudos realizados por Davidoff (1983) e Kandel (1997) no campo da psicologia da Gestalt, há uma relação entre a atenção e a percepção. Esses pesquisadores observaram que a percepção ocorre através da seleção e organização ativa dos elementos que compõem, como exemplo, uma imagem ou um som, de forma que a configuração que emerge a consciência é mais do que mera soma das partes. Então, explicam os autores, é através do foco de atenção que se discrimina uma dinâmica figura-fundo; a atenção seleciona uma imagem a ser percebida permitindo que o restante seja

submergido ao fundo. Ainda segundo esses pesquisadores vários fatores podem influenciar a atenção, tais como o contexto no qual o indivíduo está inserido, as características dos estímulos, expectativa, motivação, relevância da tarefa desempenhada, estado emocional, experiências anteriores.

Em pesquisas atuais, têm-se investido grandes esforços no campo da neurociência para estudar as funções mentais superiores, onde se referenciam a atenção como uma das principais funções responsáveis pelo desenvolvimento humano (SOHLBERG; MATEER, 2010). Nesse contexto, em alguns estudos, a avaliação da atenção em seres humanos é realizada utilizando-se a ressonância magnética funcional e outras técnicas de neuroimagem para determinar quais estruturas cerebrais estão envolvidas com os diferentes tipos de atenção nas diferentes modalidades sensoriais: visual, auditiva e tátil. Também se costuma utilizar testes neuropsicológicos e clínicos correlacionados com as neuroimagens. (SOHLBERG; MATEER, 2010).

Em pesquisas no campo da Neuropsicologia também se têm utilizado técnicas especiais para análise da atenção. Aqui, pesquisadores têm isolado a função da atenção e através da aplicação de testes têm divulgado medidas para esta função em determinados contextos. Nesses testes opera-se com possibilidades de subdivisões da atenção baseadas na maneira como ela é operacionalizada. Nesse pensamento, a atenção pode ser seletiva, sustentada, alternada e dividida.

A atenção seletiva é importante na realização de atividades de vida diária como a leitura em um ambiente com vários ruídos ou a aprendizagem de um conteúdo escolar novo em uma sala de aula com outros estímulos auditivos competitivos presentes. A alternada é a capacidade do indivíduo em alternar o foco de atenção, ou seja, desengajar o foco de um estímulo e engajar em outro. A atenção também pode ser dividida para o desempenho de duas tarefas simultaneamente. Um exemplo comum deste tipo de atenção é conversar enquanto executa outra tarefa.

Dalgalarrondo (2000, p. 71), Sarter e Givens (2001, p. 148) definem a atenção seletiva e a atenção sustentada como:

A capacidade de o indivíduo privilegiar determinados estímulos em detrimento de outros, ou seja, está ligada ao mecanismo *básico* que subsidia o mecanismo atencional e a capacidade de o indivíduo

manter o foco atencional em determinado estímulo ou sequência de estímulos durante um período de tempo para o desempenho de uma tarefa (DALGALARRONDO, 2000, p. 71; SARTER; GIVENS, 2001, p. 148).

Diferentes testes são aplicados para a avaliação dessas formas de atenção. Dentre estes se destacam: O teste de *cancelamento D-II*, que avalia a atenção seletiva e capacidade de varredura visual; o teste do labirinto *porteus* que avalia a capacidade de planejar e manter um padrão de resposta quando confrontado com interferências, o *the stroop color word interference test*, que é um teste de julgamento cronometrado que avalia a capacidade de inibir a interferência e manter um padrão de resposta; o *trail making test*, que é um teste de alternância de resposta (chama-se atenção alternada). Existem ainda muitos outros testes que são aplicados com o objetivo de avaliar características atencionais não só em indivíduos com *déficits* cognitivos como também naqueles ditos sem *déficits*. (PHAMN; VANDERSTUKKEN; PHILIPPOT, 2003).

2.1- A abordagem sociocultural da atenção

Observou-se então que a avaliação da atenção através de testes conforme foi descrito anteriormente, refletiu o emprego de um artifício teórico e metodológico para forçar um isolamento e independência dessa função. Defende-se que esses artifícios produzem dados bem distanciados de configurações naturais do funcionamento da atenção, visto que não se pode isolar nenhuma das funções psicológicas básicas, como se tem destacado em outras pesquisas. De acordo com Vigotski (2007), por exemplo, as habilidades de percepção, memória, linguagem e atenção se entrelaçam no funcionamento psicológico humano. Para ele há, portanto, uma interdependência dessas habilidades mentais para o desenvolvimento humano.

Essa perspectiva, onde se concebe que o desenvolvimento da atenção está interligado com o desenvolvimento da linguagem, é sustentada por pesquisadores que se fundamentam em pressupostos da abordagem sócio histórica, conhecidos principalmente, através do conjunto da obra de Vigotski. Nessas obras defende-se que os fenômenos psíquicos são processos em mudança constante. Destaca-se

então que, em um estudo da atenção fundamentado em pressupostos da abordagem sócio histórica as questões metodológicas assumem relevância extrema; nessas abordagens ascendem-se um espaço para considerações sobre a necessidade de um diálogo entre teoria e método.

Segundo Vigotski (2007), a abordagem metodológica das funções mentais especificamente humanas segue, pelo menos, dois princípios. O primeiro deles é que ela vise processos e não objetos. Esse princípio que distingue a análise de um objeto da análise de um processo renova a análise psicológica que quase sempre tratou os processos como objetos estáveis e fixos. A análise do processo requer uma captura da dinâmica dos pontos que constituem a história deste processo. Nessa perspectiva, defende Vigotski (2007) faz-se necessário que o pesquisador focalize não o produto do desenvolvimento, mas o próprio processo de estabelecimento das formas mentais superiores. O segundo princípio da abordagem metodológica descrita por ele é que ela seja explicativa e não meramente descritiva, chegando às relações internas constitutivas do fenômeno, pois a mera descrição não ultrapassa o nível das aparências.

Defende-se aqui que esses pressupostos metodológicos são mais apropriados ao estudo da atenção, pois nele consideram-se os eventos na sua condição dinâmica e interdependente. Dessa forma, embora se reconheça as dificuldades inerentes à escolha por se estudar os processos psicológicos nessas condições de interdependência, esta conduta teórica e metodológica favorece as explicações sobre a função mediadora da linguagem, como uma ponte entre o organismo (processos de natureza biofísica típicos do cérebro) e funcionamento psíquico (com processos de natureza simbólica). Considera-se que, nesse cenário, a linguagem é aspecto chave para a análise da atenção, considerando-se esta como intimamente relacionada aos processos de significação.

2.1.1: Atenção e processos de significação

A relação entre atenção e processos de significação (linguagem) foi um tópico abordado por Vigotski (2010). Olhando para essa relação ele observou, com o auxílio da função indicativa das palavras, que a criança começa a dominar sua

atenção, criando centros estruturais novos dentro da situação percebida. Segundo ele, esse processo emerge a partir do uso da fala:

A criança é capaz de determinar para si mesma o "centro de gravidade" do seu campo perceptivo. A criança avalia a importância relativa desses elementos, destacando, do fundo, "figuras" novas, ampliando assim as possibilidades de controle de suas atividades. Além de reorganizar o campo visual e espacial, a criança, com o auxílio da fala, cria um campo temporal que lhe é tão perceptivo e real quanto o visual. A criança que fala tem, dessa forma, a capacidade de dirigir sua atenção de uma maneira (VIGOTSKI, p. 29, 2010).

Destaca-se então que estudos realizados por Vigotski e seus colaboradores deram visibilidade a relação entre a atenção e os processos de significação. Através deles, pode-se observar que, com a fala, a criança passa a controlar verbalmente sua atenção e, conseqüentemente, reorganiza o seu campo perceptivo. Além disso, Vigotski ainda comentou que, como efeito do controle verbal da atenção, a criança pode perceber mudanças na sua situação imediata contrastando com suas atividades passadas. Assim, ela pode agir no presente com a perspectiva do futuro. A esse respeito, ele declarou que:

O campo de atenção da criança engloba não uma, mas a totalidade das séries de campos perceptivos potenciais que formam estruturas dinâmicas e sucessivas ao longo do tempo. A transição da estrutura simultânea do campo visual para a estrutura sucessiva do campo dinâmico da atenção é conseguida através da reconstrução de atividades isoladas que constituem parte das operações requeridas. Quando isso ocorre, podemos dizer que o campo da atenção deslocou-se do campo perceptivo e desdobrou-se ao longo do tempo, como um componente de séries dinâmicas de atividades psicológicas (VIGOTSKI, p. 27, 2010).

Ao demonstrar em seus estudos essa relação entre a atenção, percepção e fala, Vigotski revela o funcionamento complexo integrado dos processos cognitivos

básicos até então analisados como funções isoladas. Além disso, considerando-se que a linguagem pressupõe sempre uma função comunicativa, a sua relação com a atenção ascende à possibilidade de que, em contextos humanos naturais, esta tenha sempre uma qualidade de compartilhamento. Isto é, na sua imensa maioria das vezes, trata-se nesses contexto da atenção compartilhada.

Uma série de estudos de Akhtara e Tomasello (1996), Tomasello e Farrar (1986), onde se investigou o papel da qualidade da atenção compartilhada para o desenvolvimento da linguagem, apontou para a importância da relação entre esses dois domínios. Nesses estudos, os pesquisadores destacaram que durante atividades conjuntas, crianças observaram que outras pessoas têm reações diferentes das dela frente às mesmas situações, o que equivale a dizer que elas descobriram que as pessoas produzem diferentes significados aos objetos/eventos que as circundam. Em outras palavras, as crianças passaram a perceber que elas podem atribuir mais do que uma representação a uma entidade e cada vez mais passa a trocar com o parceiro tais descobertas, utilizando-se de diferentes canais de comunicação.

2.1.2. A Atenção compartilhada típica

De acordo com Tomasello (1995), no caso dos seres humanos, o desenvolvimento de comportamentos de atenção compartilhada começa a se revelar em torno dos nove meses de idade. Neste período, crianças com desenvolvimento típico ('normal') começam a compreender que os outros são agentes intencionais e que as relações com entidades externas podem ser seguidas, dirigidas ou compartilhadas. É a partir dessa idade que a forma de interação do bebê deixa de ser diádica (bebê e objeto/ bebê e outra pessoa) passando a ser triádica (bebê, objeto e outra pessoa), relação em que o bebê passa a coordenar e a compartilhar sua atenção. Então o termo atenção compartilhada tem sido usado para caracterizar um complexo de habilidades sociais e interações.

2.1.3. A intersubjetividade no compartilhamento da atenção

Pesquisadores revelam que o bebê humano, desde muito cedo, é capaz de exibir engajamentos sociais com seus parceiros envolvendo a participação de expressões faciais. Colwyn Trevarthen (1974), um dos primeiros entre esses pesquisadores, dedicou-se a investigação da intersubjetividade nos primeiros meses de vida de um bebê. Em suas pesquisas, esse autor observou que, já a partir dos dois meses, os bebês são capazes de exibir diferenças quanto às respostas dadas a objetos e pessoas, manifestando diferentes comportamentos no próprio corpo, mediante sorrisos e vocalizações de suas mães, parecendo haver um tipo de atividade mútua nessa relação, como indícios de uma comunicação.

Trevarthen (1974), ao analisar pesquisas sobre o cérebro e ao estudar sobre suas próprias observações da protoconversa entre mãe-bebê, termo que ele usou para descrever a mútua relação dessa díade, considerou que os bebês são dotados de um sistema cerebral inato que os capacita a apresentar sintonia responsiva em engajamentos regulados emocionalmente com outros. A esses engajamentos diádicos, o autor chamou de intersubjetividade primária.

É chamada de intersubjetividade a capacidade que os bebês têm de ajustar suas subjetividades (capacidade de exibir consciência, intencionalidade) às subjetividades de outros. É o reconhecimento e a coordenação de intenções presentes na comunicação mãe-bebê. Para que isso ocorra é necessária a adoção de um foco compartilhado de atenção por ambos os parceiros e uma concordância quanto à natureza da comunicação.

Está presente nas observações de Trevarthen (1974) a ideia de que com um mês de vida, bebês têm padrões de comportamentos diferentes em relações a objetos e pessoas. Com objetos, os comportamentos são mais exploratórios e observatórios, enquanto com pessoas, parecem envolver reciprocidade e comunicação. Após os seis meses de idade do bebê, parecem surgir evidências de comportamentos de compartilhar interesses, integrando o mundo dos objetos com o mundo social. A partir dos nove meses, a díade mãe e bebê é capaz de incluir um terceiro elemento em suas relações, constituindo uma relação triádica, nomeada de intersubjetividade secundária.

3- CAPÍTULO 2: A ATENÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNOS DO AUTISMO.

Estudos atuais referentes à atenção de crianças diagnosticadas com transtornos do espectro do autismo mostram que os prejuízos nos processos comunicativos e na interação social, típicos nos indivíduos que portam esse diagnóstico, possuem alguma relação com um *déficit* bem marcado nas habilidades de atenção compartilhada, também denominada de atenção conjunta (BOSA, 2002). De acordo com essas pesquisas, relacionado com o quadro dos transtornos do autismo revela-se um problema na compreensão das situações circundantes, das intenções do outro, intimamente relacionado com dificuldades no compartilhamento da atenção, o que dificulta as interações sociais (ABREU; CARDOSO-MARTINS; BARBOSA, 2014)

Considerando-se que a atenção compartilhada é um importante preditor do desenvolvimento da linguagem, comunicação e interação social, as pesquisas que investigam os transtornos do autismo tem privilegiado o foco da investigação nos prejuízos do compartilhamento da atenção.

Um estudo longitudinal realizado com um grupo de cinco crianças, com idades entre 5 e 8 anos, não verbais, diagnosticadas com transtornos do autismo, inseridas no mesmo programa educacional de São Paulo, apresentou resultados interessantes relacionados com a hipótese de que a habilidade de atenção compartilhada colabora para uma melhor comunicação e interação social. A partir da observação de comportamentos comunicativos relativos ao compartilhamento de atenção, na sessão de fonoaudiologia em situações de interação; criança-adulto, dupla ou trio de crianças e adulto, crianças entre si, com intuito de comparar os comportamentos comunicativos, os pesquisadores Farah, Perissinoto e Chiari (2009) chegaram as seguintes conclusões:

Observou-se que o olhar foi o comportamento comunicativo de maior ocorrência. Que o uso funcional de um objeto, em geral não envolve necessariamente o compartilhar. Os comportamentos de alternar, apontar e mostrar, que segundo e são considerados como relacionados diretamente com atenção compartilhada, a pesquisa mostrou que o comportamento de alternar (o olhar entre o interlocutor e o evento/objeto) foi o que mais apareceu. E os comportamentos de

apontar e mostrar, não foram evidentes devido ao curto período de observação, já que exigem ações mais complexas funcionalmente e socialmente. Os comportamentos mais complexos de provocação e convite, não apresentam significância estatística no estudo, mostrando que os sujeitos da pesquisa encontram-se no princípio do desenvolvimento da atenção compartilhada.

Compreende-se a partir desse estudo a estreita relação entre o desenvolvimento do compartilhamento da atenção e um bom prognóstico para o desenvolvimento de habilidades comunicativas futuras nas crianças observadas, embora não tenha sido possível explorar com mais riqueza o que envolve os processos de compartilhamentos. O que impossibilita que se fale com mais clareza sobre as minúcias nessa habilidade de compartilhar.

Devido às habilidades de atenção compartilhada surgirem tão tardiamente nas crianças diagnosticadas com os transtornos do autismo, a ideia de atraso no desenvolvimento dessa habilidade coloca o portador desse diagnóstico como alguém que não desenvolve bem, como crianças típicas, os comportamentos mais complexos de compartilhar atenção, como alternar, apontar e mostrar, provocar e convidar.

Um estudo recente mostrou que a habilidade de atenção compartilhada constitui um precursor do desenvolvimento da capacidade da criança de colocar-se no lugar do outro, ter empatia, compreender os estados mentais do outro, chamada de Teoria da Mente.

Segundo dados de estudo longitudinal realizado em 28 crianças um pouco antes de completarem 9 meses de idade, cujo objetivo foi avaliar a correlação entre habilidades de atenção compartilhada e o futuro desenvolvimento da teoria da mente em crianças com 4 anos e 2 meses de idade. Os resultados mostraram que a habilidade de responder à atenção compartilhada correlaciona-se com esse desenvolvimento.

Diante das informações levantadas nas pesquisas citadas, a atenção compartilhada aparece como preditor no desenvolvimento das habilidades de linguagem, comunicação, interação social e teoria da mente. Essa informação relaciona-se com o fato de que os indivíduos com autismo possuem atrasos nessas habilidades e um dos pontos de partida para estudar o autismo de forma a compreendê-lo em suas características básicas se dá a partir do estudo do compartilhamento atencional.

Tratando-se especialmente de autismo, em que as crianças muitas vezes são pouco responsivas, não é possível entender a atenção de forma separada das habilidades de percepção, memória e linguagem. São funções que se entrelaçam no funcionamento psicológico humano. O que sustenta a ideia de interdependência das habilidades mentais no desenvolvimento do indivíduo. Que não podem ser separadas e estudadas de forma fragmentada.

Desta forma, para falar de atenção compartilhada em crianças com autismo, buscou-se realizar um estudo com intuito de compreender o fenômeno em uma padrão mais interacionista da relação entre crianças com autismo e adulto, baseando-se em observações de situação de interação individual.

Segundo esse estudo realizado por Farah, Perissinoto e Chiari (2009) estudar a atenção compartilhada em crianças autistas não verbais em situações de interação adulto-criança, mostra-se mais favorável para o surgimento de comportamentos comunicativos, do que na interação criança-criança, onde o interlocutor adulto provoca a manifestação desses comportamentos de forma mais eficaz. As terapias individuais é o cenário mais produtivo para o desenvolvimento de comportamentos comunicativos.

Essa perspectiva de observação que captura os fenômenos psíquicos no momento em que eles acontecem, integrando as funções mentais, fundamenta-se nas ideias de Vigotski que serão discutidas mais adiante.

Outros estudos sobre a atenção compartilhada com crianças com desenvolvimento típico abordando mais especificamente a fala demonstraram que a atenção compartilhada se expressava como comentários e perguntas para obter informações sobre as propriedades dos objetos ou eventos. Essas características dificilmente se observa em crianças com desenvolvimento atípico, como é o caso daquelas que se encontram dentro do espectro autista.

Nesse contexto, entendendo que os bebês já nascem com competências que o capacitam a negociar intenções, emoções, experiências e significados na relação com o outro, e sabendo que novos comportamentos e capacidades vão sendo conquistados pelos bebês ao longo do tempo, no sentido de formar cada vez mais experiências subjetivas organizadoras, reflete-se em como uma criança, organiza essas relações triádicas que perpassam desenvolvimento afetado por pelo autismo.

Um estudo, realizado pelo programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em janeiro de 2013, envolvendo uma

revisão sistemática da literatura referente à atenção compartilhada em indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo demarcou a escassez de informações acerca dos precursores da atenção compartilhada em crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), apontando para a necessidade de maiores investigações sobre o tema. Neste estudo, observou-se também a existência de fortes evidências da relação entre atenção compartilhada e o desenvolvimento da linguagem, tanto compreensiva como expressiva, fato que impulsiona para novos estudos relacionados à configuração da atenção em crianças com autismo, já que se evidencia uma forte relação entre a linguagem e a atenção nesses indivíduos (ZANON; BACKES; BOSA, 2014).

4- METODOLOGIA

Os pressupostos discutidos até agora foram refletidos na pesquisa que será apresentada a seguir que teve o objetivo geral: investigar o compartilhamento da atenção de crianças diagnosticadas com o espectro do autismo durante realização de atividades na terapia ocupacional. Além disso, nesta pesquisa definiram-se enquanto objetivos específicos: a) Destacar a relação entre processos atencionais e o desenvolvimento da criança com autismo; b) Sistematizar dados sobre atenção compartilhada que possam ser utilizados em práticas com crianças com autismo.

A metodologia dessa pesquisa será estudo de múltiplos casos. Escolheu-se o estudo de caso, pois o mesmo possibilita conhecer de forma singular cada indivíduo e situações específicas, dando oportunidade para que um aspecto de um problema seja estudado em profundidade dentro de um período de tempo limitado. Além disso, de acordo com Ventura (2007), parece ser apropriado para investigação de fenômenos quando há uma grande variedade de fatores inter-relacionados que podem ser diretamente observados e não existem leis básicas para determinar quais são importantes.

4.1 Participantes

Participaram desta pesquisa duas crianças diagnosticadas com transtorno de espectro autista, em atendimento regular na sessão de terapia ocupacional da associação de amigos do autista de alagoas (AMA-AL).

Foram selecionadas duas crianças que não faziam o uso da fala, com idades aproximadas, para estudar os processos não verbais que envolviam o compartilhamento de atenção. A seguir descrevem-se características dos participantes desta pesquisa. Foram utilizadas as nomenclaturas C1 e C2 para preservar o anonimato dos participantes e cumprir com decisões assumidas junto ao conselho de ética em pesquisa.

4.1.1 - Caracterização dos participantes

C1: Quatro (4) anos de idade; não fala e faz uso de PECS - *Picture Exchange Communication System*, sistema de comunicação pela troca de figuras para se comunicar (o uso do PECS não foi objeto de análise nesta pesquisa). Frequenta a Associação de Amigos do Autista AMA, desde os três (3) anos de idade, com a frequência de três (3) vezes por semana.

C2: Cinco (5) anos de idade; não fala e também faz uso de PECS. Frequenta a AMA desde os quatro (4) anos, com a frequência de duas (2) vezes por semana.

A participação dessas crianças na pesquisa foi confirmada pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE pelos pais. É importante ressaltar que antes da assinatura do TCLE, os responsáveis receberam explicações e esclarecimentos sobre a proposta do estudo e sobre o termo que teriam que assinar. A pesquisa foi iniciada após a aprovação do Comitê de ética/UFAL através do parecer no. 713.381, emitido em 10/07/2014.

4.2 Local

A pesquisa foi realizada no setor de T. O. AMA, durante dos atendimentos, realizados pela pesquisadora (que também foi a terapeuta).

4.3 Procedimentos para Construção dos Dados:

Os dados foram constituídos por meio de registros videografados das crianças durante a realização de atividades quando estas estavam em atendimento na terapia ocupacional, com a pesquisadora. A videografia foi a forma escolhida como recurso metodológico por capturar os fenômenos em estado dinâmico, pois de acordo com Meira (1994):

O registro em vídeo de atividades humanas apresenta-se como uma ferramenta ímpar para a investigação microgenética de *processos*

psicológicos complexos, ao resgatar a densidade de ações comunicativas e gestuais (1994, p.41) [grifos nossos].

Considerando que o objetivo da pesquisa foi estudar o compartilhamento da atenção em crianças com autismo, inseridas em um universo complexo de interação, que envolveu a pesquisadora, o brinquedo, o ambiente etc., a videografia favoreceu um olhar aprofundado para esse universo.

Antes de se iniciada a videografia foram considerados alguns aspectos éticos e técnicos da pesquisa:

- 1- Cuidou-se para que os registros em vídeos não interferissem na rotina normal de terapia das crianças. Por essa razão os registros foram realizados na própria sala da T. O., um ambiente já familiar para elas.
- 2- A câmera foi posicionada pela pesquisadora em local apropriado para captar de forma ampla os eventos da interação, de forma que ela pudesse trabalhar, como terapeuta, sem a presença de uma terceira pessoa na sala.
- 3- As gravações foram realizadas pela própria pesquisadora, em dias diferentes para cada criança, respeitando os seus horários de atendimento na instituição.

Os registros foram realizados durante atividade regular da T.O., em três diferentes contextos: 1) A atividade com um brinquedo já conhecido pela criança, 2); Atividade com um brinquedo novo com apelo lúdico; 3) Atividade com um brinquedo novo sem apelo lúdico. Uma descrição dos brinquedos utilizados nas atividades por cada criança encontra-se a seguir.

Para a criança C1 (Figura 1): Brinquedo já conhecido: Uma tábua de madeira plana, para encaixar bichos do mar; Brinquedo novo com apelo lúdico: Um cilindro de plástico, composto por argolas coloridas para encaixar na ordem da maior para a menor; Brinquedo novo não lúdico: Uma tábua de madeira com cilindros de encaixar argolas de madeira coloridas pequenas.



Figura 1 - brinquedos criança C1

Para a criança C2 (Figura 2): Brinquedo já conhecido: Peças de madeiras com figuras de frutas para sobrepor os pares iguais; Brinquedo novo com apelo lúdico: Um cilindro de plástico, composto por argolas coloridas para encaixar na ordem da maior para a menor; Brinquedo novo não lúdico: uma tábua de madeira com cilindros de encaixar argolas de madeira coloridas pequenas.



Figura 2- brinquedos criança C2

4.4 - Análises dos Dados

Trabalhou-se na análise de seis vídeos, sendo três vídeos para cada criança, de aproximadamente 10 minutos em média. Para início das análises dos vídeos já era reconhecido que as crianças com autismo possuem um perfil de atenção

compartilhada. Além disso, considerava-se a *hipótese* de que esse compartilhamento estava relacionado com a *história da relação* da criança com os aspectos presentes na situação de compartilhamento (pessoas, objetos, atividades etc.). Essa forma inicial de olhar para os dados refletia o propósito da pesquisa de desenvolver uma análise da atenção fundamentada na abordagem sócio histórica, onde se resgata o funcionamento da atenção em seu processo de compartilhamento, de forma integrada, compreendendo-a para além dos processos neurológicos e cerebrais. Nesta abordagem é fundamental observar a atenção na relação com outra pessoa, com o meio e com o todo cenário complexo que envolve a interação.

O cenário complexo de interação que a atenção compartilhada pressupõe foi promovido nesta pesquisa através da diversificação dos contextos de produção de dados, que incluiu o brinquedo conhecido e os brinquedos não conhecidos (lúdico e não lúdico). Nesse cenário complexo, vislumbrou-se *o alcance do compartilhamento da atenção relacionado com os processos de significação (e produção de sentidos) atuando na intersubjetividade configurada na interação*. Com esses pressupostos em mente, a análise dos dados foi conduzida a partir dos procedimentos abaixo:

- 1- Assistiram-se aos vídeos, atentamente, para observar as situações de compartilhamento de atenção. O critério para definição de compartilhamento de atenção foi a configuração da situação em que a criança considerava a informação (instrução) da pesquisadora, relacionada ao objeto e encaminhava uma resposta relacionada com ela.
- 2- Demarcaram-se nos vídeos o início e o fim de todas as situações de compartilhamento de atenção, respeitando o critério acima mencionado.
- 3- Transcreveram-se todas as situações demarcadas. As transcrições foram realizadas observando-se como parâmetro principal a alternância de turnos. Turno foi considerado o momento em que um participante se posicionava na interação, através da ação e/ou fala. A alternância significa a situação de resposta a esta ação e/ou fala. Foi realizada uma descrição detalhada de todo o comportamento não verbal que acompanha a fala (quando ela se manifestava; na maioria das vezes foi a fala da pesquisadora). Informa-se que foram usados nomes fictícios para as crianças, respeitando critérios éticos para as pesquisas com seres humanos que prescreve a seguridade do anonimato dos participantes.

- 4- Através das transcrições, foi realizado um levantamento quantitativo de todas as situações de compartilhamento, considerando os contextos com o brinquedo conhecido e com brinquedos não conhecidos (lúdico e não lúdico).
- 5- Através das transcrições e ainda com apoio dos vídeos, foram levantadas as distribuições das ocorrências de compartilhamento de atenção ao longo de eventos selecionados. O objetivo desse procedimento foi mapear a disposição das ocorrências, considerando o início, meio e fim do evento em que elas ocorreram. A expectativa foi, através desse mapeamento, poder interpretar uma expressão da história do compartilhamento de atenção relacionado com os contextos discriminados nesta pesquisa. Para fazer o levantamento dessa distribuição selecionaram-se dois eventos (o primeiro e o último) em função do grande número de dados. Em cada um desses eventos, procedeu-se uma divisão do intervalo total de sua duração por três. Então, os momentos início, meio e fim do evento corresponderam ao intervalo de um terço da duração total do evento em questão. A partir daí, com apoio do vídeo, foi determinado em que momento ocorria o compartilhamento de atenção: se no início, no meio e ou no fim. Esse procedimento foi aplicado para os dois eventos (o primeiro e o último) em cada contexto (brinquedo conhecido, brinquedos não conhecidos (lúdico e não lúdico) com os dois participantes (criança 1 e 2).
- 6- O último procedimento foi a seleção de dois recortes de eventos nos dados de cada criança (1 e 2) para análise microgenética. O critério para a seleção desses recortes foi o potencial para informar sobre os processos implicados na relação entre atenção, história, processo de significação (e produção de sentidos) e intersubjetividade.

5- RESULTADOS

Os resultados dessa pesquisa foram apresentados através das tabelas (01 e 02) e de um conjunto de gráficos de linhas (de 01 a 06). Para essas tabelas e gráficos apresentou-se uma interpretação por extenso. Além disso, na etapa final da apresentação dos resultados, disponibilizou-se ilustração com imagens (figuras de 01 a 11). Informa-se que a apresentação dessas imagens não fere critérios éticos da realização da pesquisa com seres humanos uma vez que foi esclarecido ao comitê de ética avaliador dessa pesquisa, que as imagens poderiam ser utilizadas para fins acadêmicos. Além disso, a possibilidade dessa utilização foi antecipadamente anunciada, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, apresentado aos pais, que assinaram, oficializando a autorização para essa realização.

Destaca-se que os dados aqui considerados confirmaram que as crianças com transtorno do espectro autista participantes dessa pesquisa compartilharam atenção. Além disso, o papel da história da relação com os brinquedos nas atividades investigadas também foi sinalizado nesses resultados. Essas informações serão exploradas ao longo da apresentação e discussão desses resultados.

A confirmação que as crianças participantes desta pesquisa compartilharam atenção foi sustentada pela observação de uma relação entre o que a pesquisadora solicitava e o encaminhamento de uma resposta pela criança, o que se caracterizou como situação típica na interação entre a pesquisadora e as crianças durante realização das atividades. Destaca-se, no entanto, que os encaminhamentos das respostas configuram-se com muita diversidade. Por vezes as respostas encaminhadas correspondiam às expectativas da pesquisadora, que significa dizer que a criança realizava o que ela solicitava. Outras vezes, as crianças, embora considerassem a informação que vinha da pesquisadora, encaminham uma resposta diversa.

Nas transcrições realizadas, as respostas das crianças *ou turnos das crianças* foram, predominantemente, turnos de ação (comportamento não verbal). É oportuno lembrar (comentado na introdução desta pesquisa) a grande variação com que se revela um quadro de transtornos do espectro autista. Destaca-se aqui que as crianças participantes desta pesquisa eram não falantes. Apenas em raras situações elas manifestavam sons considerados indefinidos nas transcrições.

O levantamento da quantidade de ocorrências de situações de compartilhamento de atenção, realizado a partir das transcrições foi apresentado nas tabelas 1 e 2. As tabelas foram construídas descrevendo-se a ordem cronológica dos contextos em que as videografias foram realizadas: Inicialmente com o brinquedo já conhecido pela criança, depois com o brinquedo novo lúdico e por último, com o brinquedo novo não lúdico. Nas tabelas informou-se a quantidade de eventos distribuídos em cada vídeo e o número de compartilhamentos de atenção dentro de cada evento separadamente.

Na interpretação das tabelas 1 e 2 destacou-se que as frequências de situações de compartilhamento variaram relacionadas com os diferentes contextos. Sugere-se que essa variação também refletiu diferenças individuais das crianças, na medida em que, como a criança 2 revelou um número de situações de compartilhamento bem maior que a criança 1.

TABELA 1- Quantidade Compartilhamento de Atenção C1

Vídeos	Evento	Intervalo de Tempo	Brinquedo já Utilizado	Brinquedo Novo Lúdico	Brinquedo Novo não Lúdico
1	1	00:30-02:23	9	—	—
	2	02:32-02:51	1	—	—
	3	03:10-03:20	2	—	—
2	1	00:50-03:20	—	3	—
	2	03:08-05:12	—	1	—
3	1	00:07-01:29	—	—	2
	2	02:56-03:34	—	—	5
	3	05:43-06:24	—	—	2

TABELA 2- Quantidade de Compartilhamento de Atenção C2

Vídeos	Evento	Intervalo de Tempo	Brinquedo já Utilizado	Brinquedo Novo Lúdico	Brinquedo Novo não Lúdico
1	1	00:36-00:52	3	—	—
	2	01:04-01:15	3	—	—
	3	01:44-03:05	15	—	—
2	1	00:12-02:25	—	9	—
	2	02:45-05:12	—	13	—
3	1	00:28-01:32	—	—	1
	2	02:56-03:34	—	—	3
	3	03:57-04:28	—	—	0
	4	04:34-04:54	—	—	2
	5	07:17-09:40	—	—	8

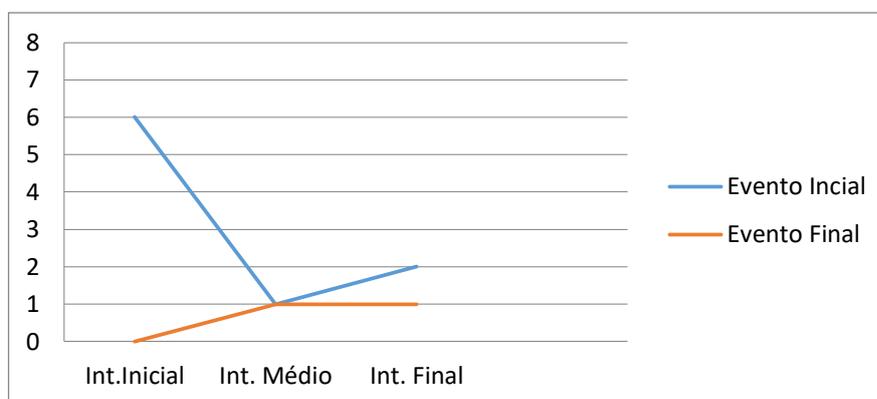
Mas estas tabelas também sinalizaram semelhanças entre os dados das duas crianças. Quando diante do brinquedo conhecido observou-se que as duas crianças revelaram os maiores índices de frequência de situações de compartilhamento de atenção. Interpretou-se essa informação como uma indicação do papel da história da relação com o brinquedo para o compartilhamento da atenção. Isto é, o compartilhamento da atenção nos dados mostrou-se relacionada com aspectos históricos sociais da situação interativa em que ele se constitui. Sugere-se que nesses índices de frequências de compartilhamento de atenção estavam refletidas as experiências anteriores da criança.

A análise do papel da história para a configuração do compartilhamento da atenção, aspecto antecipado como hipótese dessa pesquisa, foi explorada a partir do levantamento da distribuição das situações de compartilhamento de atenção ao longo do evento. Como fora explicado durante descrição dos procedimentos de análise de dados, para realizar esse levantamento, selecionaram-se apenas dois eventos (o primeiro e o último) levando-se em consideração o grande número de dados com que se trabalhou nesta pesquisa. Dessa forma, foi realizado um levantamento da distribuição da situação de compartilhamento ao longo de dois

eventos, nos contextos dos brinquedos já conhecido e novo (lúdico e não lúdico). O resultado desse levantamento foi apresentado nos gráficos de 1 a 3 (correspondente a criança 1) e 4 a 6 (correspondente a criança 2).

As interpretações desses gráficos acrescentaram informações sobre a relação entre história e compartilhamento de atenção nesta pesquisa. Isto por que considerou-se que a distribuição das situações indicavam o seu movimento e mudanças ao longo do tempo de duração do evento em questão. Nos gráficos observaram-se algumas mudanças na incidência de compartilhamento refletindo o movimento do tempo dentro evento e os diferentes contextos. Observaram-se, principalmente, as situações interativas com o brinquedo conhecido promovia ocorrências de compartilhamento de atenção bem distribuídas ao longo do tempo do evento. Isto quer dizer que na atividade com um brinquedo conhecido as crianças revelaram situações de compartilhamento de atenção já no início da atividade.

Gráfico 1- Brinquedo Conhecido (C 1)



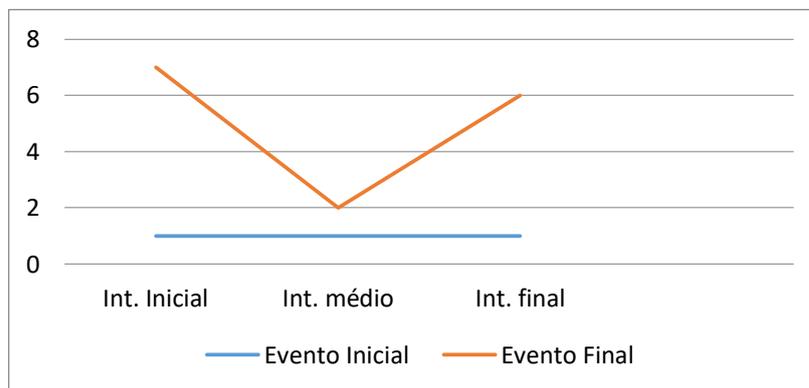
Os dados relativos à criança 1, no gráfico 1, por exemplo, observa-se seis situações de compartilhamento já no intervalo inicial. Esse alta incidência de compartilhamento de atenção já no início (sete situações) do evento nas atividades com o brinquedo conhecido também foi observada nos dados da criança 2 (gráfico 4).

Embora a frequência de situações de compartilhamento não tenha se mantido alta ao longo do tempo de duração de todo evento, destaca-se aqui o início bem marcado pelo compartilhamento. É com relação a esta situação inicial recheada com compartilhamento que se sugere está refletido o efeito da história da relação da

criança com aquele objeto e com situações interativas anteriores com a terapeuta, que por muitas vezes já havia realizado atividades com a criança utilizando daquele brinquedo específico.

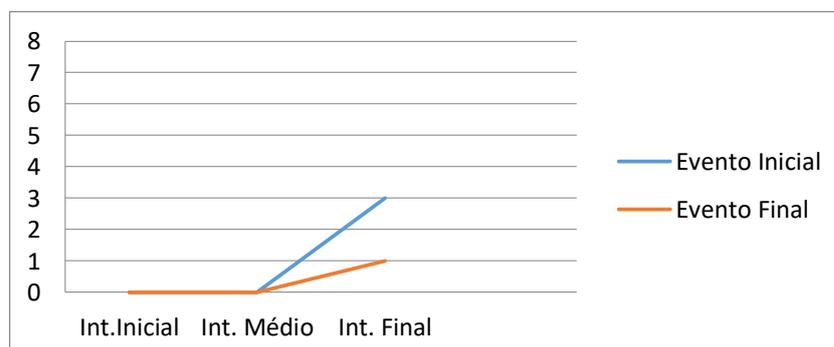
A exploração da relação entre história (experiências passadas) e o compartilhamento de atenção foi ampliada ao se observar, a partir dos índices apresentados nos gráficos (2 e 3, criança 1; 5 e 6, criança 2), que houve uma diminuição nas ocorrências de compartilhamento, relacionada ao intervalo inicial, no contexto dos brinquedo novo lúdico.

Gráfico 4 - Brinquedo Conhecido (C 2)



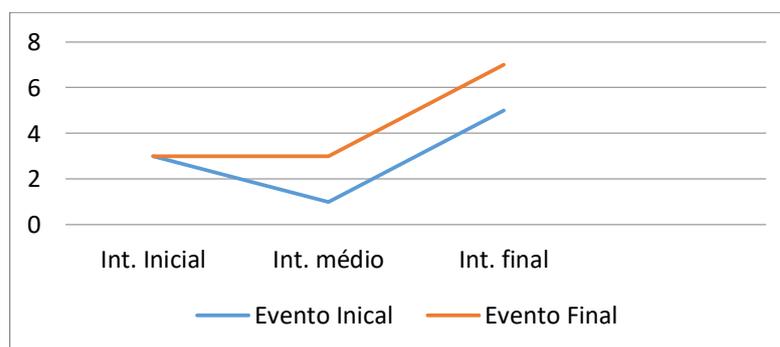
No gráfico 2, por exemplo, ao iniciar a atividade com um brinquedo novo, (embora ele tivesse um forte apelo lúdico, que dizer ser, ele era muito colorido e emitia sons quando a criança o manuseava), a criança não se engajou em situação de compartilhamento de atenção durante todo o intervalo inicial (1/3 do tempo) dos eventos analisados. O gráfico indica que durante esse período nenhuma situação de compartilhamento de atenção foi observada.

Gráfico 2 – Brinquedo Novo Lúdico (C1)



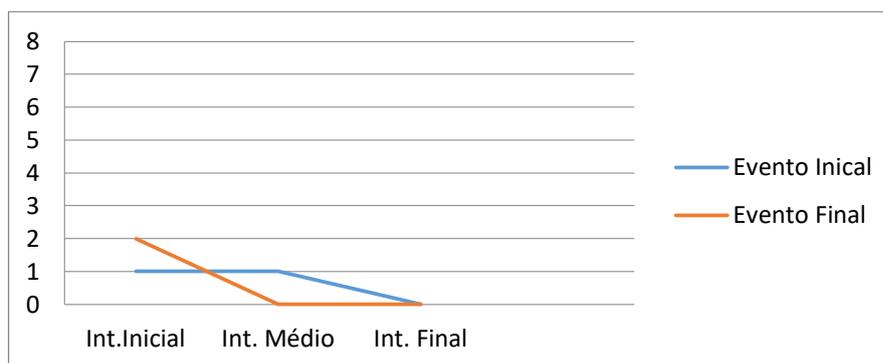
Essa tendência à diminuição do compartilhamento de atenção no início do evento, quando a atividade foi realizada com o brinquedo novo lúdico, também foi observada nos dados da criança 2 (gráfico 5). Neste caso, a criança 2 até se engajou em compartilhamento de atenção no início do evento (três situações registradas no gráfico 5). Todavia, comparado ao seu engajamento no início da atividade com o brinquedo conhecido, a diminuição de compartilhamento de atenção foi considerável.

Gráfico 5 - Brinquedo Novo Lúdico (C 2)



Outra informação relevante derivada da leitura dos gráficos que representam a distribuição das ocorrências de compartilhamento ao longo da duração dos eventos foi uma tendência crescente de situações de compartilhamentos relacionada, agora, com os brinquedos novos. Essa observação foi possível ao se considerar uma relação entre as atividades com o brinquedo novo lúdico e com o não lúdico. Considera-se aqui, entre outros aspectos, uma semelhança funcional entre o brinquedo lúdico e o não lúdico, que envolvem o encaixe de argolas.

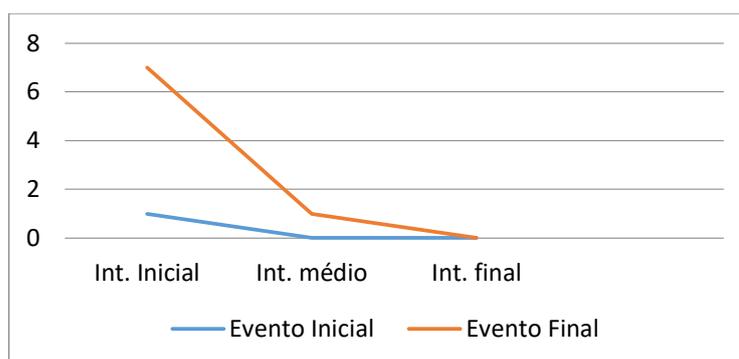
Fundamentalmente, chama-se a atenção para a *construção da relação* com um brinquedo novo (atentem se que o brinquedo descrito neste estudo como conhecido um dia também foi novo!). Nos dados essa construção foi sinalizada, inicialmente, por uma tendência crescente de compartilhamento de atenção (do intervalo médio para o fim) relacionada com a atividade do brinquedo novo lúdico, tanto nos dados da criança 1 (gráfico 2), quanto nos dados da criança 2 (gráfico 5).

Gráfico 3- Brinquedo Novo não Lúdico (C 1)

Os sinais da construção da relação com esses brinquedos novos são reforçados quando se coloca lado a lado os índices da distribuição dos compartilhamentos na atividade com o brinquedo novo lúdico e não lúdico (gráfico 2 e 3 da criança 1; gráficos 5 e 6 da criança 2).

De acordo com os dados do gráfico 3, por exemplo, a criança 1 teve um maior engajamento em situações de compartilhamento de atenção no brinquedo novo não lúdico, se comparado a introdução do brinquedo novo lúdico, quando esse engajamento esteve totalmente ausente (gráfico 2). Embora no gráfico 3 seja visualizado um aumento ainda pequeno nesse engajamento (1 compartilhamento no evento inicial e 2 compartilhamento no evento final) é necessário ponderar esses números com o intervalo de tempo muito curto correspondente ao intervalo inicial na duração do evento (1/3 da duração total). Além disso, é preciso considerar ainda que essa criança 1 foi aquela que teve um engajamento em compartilhamento de atenção mais empobrecido, como foi comentado no início da descrição desses resultados.

A indicação da construção da relação com o brinquedo novo refletida no aumento do compartilhamento da atenção considerando-se as atividades tanto com o brinquedo lúdico quanto o não lúdico foi efetivamente mais clara nos dados da criança 2.

Gráfico 6 - Brinquedo Novo não Lúdico (C 2)

Analisando-se os gráficos 5 e 6 correspondentes às atividades da criança 2 com o brinquedo novo lúdico e não lúdico, respectivamente, é possível visualizar uma continuidade, a construção de uma relação, que passa de uma atividade para outra (do brinquedo novo lúdico para o não lúdico). Sustentou-se essa interpretação considerando-se que, durante os intervalos finais dos eventos da atividade com o brinquedo novo lúdico esta criança passou a revelar altos índices de engajamento em compartilhamento de atenção (gráfico 5). Então, nos eventos relacionados com o também brinquedo novo, mas agora, não lúdico, esta criança manteve, já no intervalo inicial um alto índice de compartilhamento de atenção. Considerou-se que essa manutenção sinalizou a construção da história de uma relação com um brinquedo novo, uma vez que no momento da introdução do primeiro brinquedo novo (lúdico), tinha-se observado a diminuição das situações de compartilhamento, considerando-se os altos índices observados na atividade realizada em dias anteriores, com um brinquedo já bastante conhecido pela criança.

Ainda com relação à distribuição das situações de compartilhamento relacionada com o brinquedo novo não lúdico destacou-se uma tendência a diminuição no sentido do intervalo final, tanto nos dados da criança 1 (gráfico 3) quanto nos dados da criança 2 (gráfico 3). Interpretou-se que naquelas ocasiões essa configuração refletiu um desinteresse e uma evasão das crianças do cenário, característicos do final de uma atividade.

O mapeamento da distribuição do compartilhamento de atenção dentro dos eventos neste estudo foi uma estratégia metodológica para se capturar o movimento do compartilhamento, do início para o fim. Considerou-se que nesse movimento traduzia-se a história do compartilhamento da atenção. No entanto, se reconhece,

que o movimento traduzido apenas pela disposição das ocorrências (se no início, no meio ou fim do evento) não é suficiente para compreender o papel da história para o funcionamento da atenção compartilhada. Para uma compreensão mais ampliada sobre esse papel faz-se necessário uma discussão sobre *como* a história se imprime no compartilhamento. Essa discussão pressupõe o enfoque nos processos de significação e produção de sentidos. Um enfoque nos processos pressupõe a análise microgenética.

5.1 - Análise Microgenética da Relação entre Atenção e História

Esta análise microgenética destinou-se ao alcance do compartilhamento da atenção relacionado com os processos de significação (e produção de sentidos) atuando na intersubjetividade configurada na interação. Nesta perspectiva faz-se necessário que se considere alguns pressupostos acerca dos processos de significação e sua relação com a produção de sentidos e sobre a intersubjetividade, aspectos focalizados nesta análise microgenética.

5.2 Significado e Sentido

Uma distinção entre significado e sentido foi uma preocupação tanto de Bakhtin (2003) quanto de Vigotski (2010). Este se referiu a essa distinção destacando a ontogênese no funcionamento psicológico humano que reflete uma natureza criativa na renovação e atualização da história e da cultura. Intui-se que uma criatividade está na base para produção de sentidos, segundo Vigotski:

“O sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu

sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala” (2010, p. 181).

Para Bakhtin (2003), sentido e significado é um processo entre outros, onde se traduz o confronto de antagônicos, o duplo experimentado na consciência que fundamenta a concepção dialógica da existência humana. O duplo que se destaca nessas palavras de Bakhtin diz respeito à simultaneidade do passado e do futuro, no agora (presente):

Significado e sentido. As lembranças a serem preenchidas e as possibilidades antecipadas (a interpretação em contextos distantes). Nas lembranças levamos em conta até os acontecimentos posteriores (no âmbito do passado), ou seja, percebemos e interpretamos o lembrado no contexto de um passado inacabado (BAKHTIN, 2003, p. 399).

Em outro momento de sua obra, Bakhtin especifica um pouco mais sua concepção de sentido, sem, no entanto abrir mão de que o essencial para ele é essa vinculação entre o passado e futuro das experiências humanas, que são unidas nas situações imediatas (no presente) através da linguagem. Assim ele declara que “Chamo de sentido as *respostas* às perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós” (2003, p. 381). Para fins de análise dos dados, optou-se por ter-se como referência a situação de produção de sentido (preterindo-se o significado). A razão para essa opção é um melhor alinhamento com os dados que se tratam, sobretudo, de ações não verbais. Assim, compreende-se que o nível de estabilidade relacionada com o significado, de acordo com Vigotski (2010) e Bakhtin (2003), é menos provável em situações que se caracterizam, sobretudo, por processos não verbais. Assim assumiu-se nesta pesquisa a concepção de sentido apresentada por Bakhtin (2003) que se refere a ação de responder.

5.3 Intersubjetividade e atenção conjunta

A intersubjetividade foi apontada por Trevarthen (1974) e Tomasello (1986) como processo relacionado à atenção conjunta configurada nas situações de comunicação mediada por um objeto. De acordo com esses pesquisadores, a intersubjetividade reflete a possibilidade de que o pensamento de duas pessoas (pelo menos) tenha um ponto de convergência comum, por algum momento. Essa convergência foi estudada a partir da comunicação mediada por objeto, típica do começo da vida, onde se sustenta que a atenção conjunta da mãe e do bebê para o objeto favorece a intersubjetividade (Tomasello, 1999). A interpretação microgenética dos eventos analisados aqui reafirmou esses pressupostos.

Considerando-se os pressupostos apresentados anteriormente, dois aspectos gerais foram referências para a interpretação microgenética do compartilhamento de atenção nos recortes selecionados: 1) Que a atenção conjunta sustentava a intersubjetividade, por favorecer que tanto a convergência do pensamento da pesquisadora e da criança, pelo menos por algum momento, para o objeto ou ação imediata; 2) Que o sentido da interação se referiu a um movimento das ações que tomavam uma direção do passado para o futuro e que essa direção era conduzida a partir de respostas emergentes na situação imediata, no presente. Esses aspectos foram focalizados na análise dos eventos selecionados que se detalha a seguir.

Evento 1: O recorte selecionado de C1 foi relacionado a um evento durante atividade do brinquedo já conhecido e teve a duração aproximada de 01min.

Contexto: C1 estava distante, batendo uma bola no chão, quando a pesquisadora se aproximou dela, chamando-a e trazendo-a pelas mãos para sentar-se próximo do brinquedo de encaixe dos bichos do mar.

Neste recorte de interação C1 e a pesquisadora negociaram um sentido. Sugere-se que o sentido em negociação neste evento 1 remeteu-se a que a criança (C1) *não conseguiria encaixar corretamente uma peça do brinquedo se ela não olhasse para a base que estava no chão*. A sua atenção foi relacionada com um sentido!

Então, as ações da pesquisadora e da criança foram movimentos envolvidos neste sentido. Uma análise da sequência das imagens nas Figuras 3 e 4, associadas com a sua transcrição (Tabela 3) podem apoiar essa interpretação. Nas imagens observa-se que, inicialmente, a pesquisadora disponibilizou as peças para serem encaixadas na frente de C1 (figura 3a; Tabela 3, linha 17). Então, C1 confirma o compartilhamento de atenção (atenção conjunta) na medida em que pega uma das peças (figura 3b; Tabela 3 linha 18).

FIGURA 3: ERROS SEM OLHAR PARA O BRINQUEDO



FIGURA 4: ACERTO AO OLHAR PARA O BRINQUEDO



A figura 3c suporta a interpretação que se sustenta aqui, de que a pesquisadora e C1 negociam o sentido de que sem olhar para a base do brinquedo, C1 não conseguirá o encaixe correto da peça do jogo. Isto por que, como se observa nesta figura 3c, C1 tentou o encaixe olhando para o lado, e não obteve sucesso.

Acrescendo-se a figura 4a à essa sequência de ações, ilustrou-se o que Bakhtin (2003) declarou como sentido enquanto situação de responsividade. Isto é, na medida em que os parceiros respondem um ao outro, através de ações correlatas, alternadas, observa-se um movimento direcionado do passado (ação anterior) para o futuro (ação que responde) onde está subjacente um compartilhamento entre os parceiros. O que os parceiros partilham é o sentido (ou processo de significação), que os une em uma mutualidade caracterizando a interação. Ação da pesquisadora de apoiar a mão na cabeça de C1 para que ela olhe para a base no jogo no chão, é uma resposta ao insucesso de C1 ao tentar encaixar a peça olhando para o lado. Na atitude responsiva da pesquisadora vinculou-se o passado e o futuro (as tentativas sem sucesso das crianças quando ela não olhava para a base no chão; Tabela 3, linhas 20,22 e 24) à situação imediata do presente. Dessa forma o sentido negociado teve seu momento de maior expressão, quando a criança conseguiu encaixar olhando para a base no chão e a pesquisadora o parabenizou (figura 4f; Tabela 3, linhas 26 e 27).

Destaca-se, então, que na medida em que a responsividade vincula experiências passadas e as expectativas de futuro à situação imediata presente, ela se traduz enquanto expressão da história da relação dos participantes na interação. Além disso, neste evento 1, essa responsividade (história) assim não se caracterizaria não fosse o compartilhamento da atenção (os momentos de atenção conjunta, para o mesmo objeto). Então se manifestou a intersubjetividade, enquanto convergência necessária do pensamento tanto da pesquisadora quanto de C1, na medida em que uniram a atenção para o mesmo objeto e, como se demonstrou, dessa atenção conjunta derivaram ações relacionadas; ações responsivas. Dessa forma demonstrou-se, microgeneticamente, a relação entre a atenção compartilhada, a história, a produção de sentidos e a intersubjetividade.

TABELA 3 - Transcrição Evento 1 (C1)

Linha	Agente	Processos verbais	Processos não verbais
17	P	Ó esse três, ó: a raia, a lula e o golfinho!	Organiza as peças na frente da criança de cabeça baixa, em seguida levanta a cabeça, olha para a criança e sorrir.
18	C1	-	Pega uma das peças que a pesquisadora coloca no tatame, levanta o rosto, olha para a pesquisadora, pega outra peça com a outra mão, sorrir e tenta encaixar no brinquedo sem olhar para o brinquedo.
19	P	Vai, vai!	Pega na perna da criança aponta para o local que a criança deve encaixar, olhando para a criança em seguida para o brinquedo.
20	C1	-	Tenta encaixar sem olhar para o brinquedo, em seguida olha para encaixar, depois olha para a pesquisadora, olha para o lado e balança.
21	P	Gira a pecinha!	Aponta para o brinquedo sugerindo que a criança gire a peça para conseguir encaixar, olha para a criança em seguida para o brinquedo.
22	C1	-	Permanece tentando encaixar umas das peças sem olhar para o brinquedo e não consegue encaixar.
23	P	Vai tom, tom....aqui ó!	Pega na cabeça da criança, direcionando para que a criança olhe para o brinquedo, apontando com a outra mão, olhando também para o brinquedo.
24	C1	-	Olha para a pesquisadora, depois para o brinquedo, tenta encaixar a peça e não consegue.
25	P	Ó, de novo, vamos lá! Vai lá... a tia vai ajudar!	Reorganiza as peças na frente da criança para que ela tente encaixar, olhando para as peças.
26	C1	-	Olha para as peças que a pesquisadora organiza e segura uma peça com uma das mãos e com a outra tenta encaixar a peça, olhando para o brinquedo.
27	P	ÉÉÉ, a lula agora!!!	Parabeniza o acerto da criança aplaudindo e sorrindo, olhando para o brinquedo.

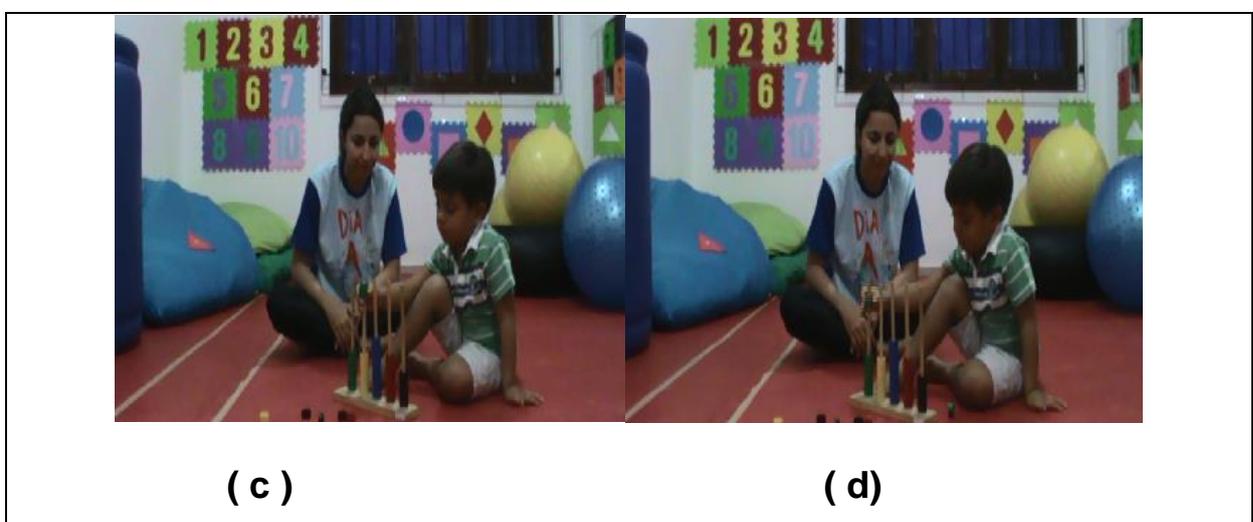
Evento 2 (C 2): O recorte selecionado para C2 remeteu-se a um evento durante atividade com brinquedo novo não lúdico, com duração aproximada de 10 segundos.

Contexto: A criança e a terapeuta, sentadas junto ao brinquedo. A criança estava de costas para a terapeuta olhando em outra direção.

FIGURA 5: REFLETINDO SOBRE O ERRO



FIGURA 6: CONSERTANDO O ERRO



Neste evento 2 a pesquisadora e C2 também negociam um sentido. Neste caso, sugere-se que esse sentido remete a correspondência entre as cores com as colunas determinadas que elas devam ser colocadas. De forma mais simplificada, o sentido é, cada coluna tem argolas de uma única cor. Também neste evento se observou que o sentido se revelou como um movimento direcionado do passado para o futuro, construído em situações de responsividade no momento imediato (presente). Este movimento pode ser ilustrado, neste evento, considerando-se a responsividade relacionada com a ação de C2 de colocar incorretamente, argolas vermelhas na coluna de argolas amarelas (figura 5a). Então a pesquisadora responde corrigindo o erro de C2 (figura 5b; Tabela 4, linha 21).

TABELA 4- Transcrição evento 2 (C2)

Linha	Agente	Processos verbais	Processos não verbais
21	P	Esse não, esse nesse ó!	Retirando as argolas vermelhas do local que a criança havia encaixado e encaixando-as corretamente em cima das vermelhas. Em seguida olha para a criança.
22	C2	-	Intensifica o movimento de passar a mão na testa, movimentando também a cabeça enquanto observa a pesquisadora tirando a peça vermelha do local errado e levando-a para o local certo.
23	C2	-	Depois ele retira as argolas verdes que estavam encaixadas em cima das amarelas, muito lentamente, deixando uma cair. Depois leva para o local correto, encaixando-as sobre as verdes. Pega a que caiu e encaixa também corretamente.
24	P	Aê, garoto!	Olhando para a ação da criança de retirar a argola do local errado e leva-lo para o local certo, parabeniza-o.

A situação de compartilhamento de atenção foi bem sinalizada quando C2 leva a própria mão a testa no momento em que a pesquisadora retira as argolas que ele havia colocado (incorretamente) e coloca-as em outra coluna (figura 5b; Tabela

4, linha 22). O sentido, de que cada coluna tem argola de uma única cor, também foi sinalizado, quando C2, responde á ação anterior da pesquisadora, reparando um erro que havia cometido durante a atividade. O erro foi colocar argolas verdes na coluna de argolas amarelas. Na figura 5c observa-se C2 retirando essas argolas verdes e na figura 5d observa-se ela recolocando-as na coluna correta (Tabela 4, linha 23). A fala da pesquisadora confirmou que o sentido foi alcançado (Tabela 4, linha 24).

Também neste evento 2 foi possível ilustrar, o propósito dessa pesquisa, um enfoque sócio histórico da atenção, a partir a situação de compartilhamento. Destaca-se que o compartilhamento pressupõe um sentido, que por sua vez pressupõe a construção de uma história, que tem na sua base a responsividade entre as ações na interação.

Argumenta-se então que o sentido é a questão para o compartilhamento de atenção, na medida em que ele movimentava a história da interação abrindo possibilidades para transformações necessárias ao desenvolvimento humano.

6- DISCUSSÕES

As principais discussões que esta pesquisa desperta estão relacionadas com as declarações de Vigotski (2007) acerca do funcionamento integrado dos processos cognitivos básicos. Nas suas declarações ele apontou a relação entre as funções da atenção, percepção, memória e linguagem, destacando os processos de significação com aspecto que integrava as funções. Considera-se que esses apontamentos de Vigotski puderam ser reforçados como os resultados desta pesquisa, quando foi argumentado que o compartilhamento da atenção das crianças foi sustentado por uma produção de sentido (responsividade que vincula experiências passadas e expectativas futuras ao presente).

Nessas discussões resgata-se também declarações de Bakhtin (2003), tanto aquelas já referidas aqui acerca da concepção de sentido como ações responsiva, mas, sobretudo, para a historicidade implicada com essa concepção. Destaca-se que a relação entre historicidade e sentido é um aspecto relevante para o enfraquecimento dos enfoques restritos da linguística tradicional para o sentido da palavra. Os dados aqui considerados se alinham com as discussões de Bakhtin (2003) para quem o sentido não está restrito á palavra, mas é uma questão eminente da interação, da relação entre o eu e outro, da interlocução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi uma investigação do compartilhamento da atenção de crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro autista. Refletindo resultados dessa investigação argumentou-se que a produção de sentidos é o aspecto central para o compartilhamento de atenção em que se envolveram as crianças durante essa investigação. Na defesa desse argumento reafirmaram-se declarações de Vigotski (2007) sobre o funcionamento integrado dos processos cognitivos básicos e de Bakhtin (2003) acerca da relação entre historicidade e sentido.

Acredita-se que esses resultados podem ser úteis para se diversificar as condutas terapêuticas no tratamento de crianças com esse diagnóstico que têm sido predominantemente baseadas em pressupostos do condicionamento comportamental. Considerando-se, a partir dos procedimentos utilizados nesta investigação, que o compartilhamento da atenção reflete um cenário de complexa interdependência, sugere-se que seja explorado, em outras pesquisas, a atenção compartilhada envolvendo outros objetos e outros cenários interpessoais, como por exemplo com grupo de crianças com o diagnóstico do espectro autista.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. S.; CARDOSO-MARTINS, C.; BARBOSA, P. G. A Relação entre a Atenção Compartilhada e a Teoria da Mente: Um Estudo Longitudinal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 2, p. 409-414, 2014.

AKHTAR, N. E TOMASELLO, M. Twenty-four month old children learn wrpds for absent objects and actions. **British Journal of Developmental Psychology**, v. 14, p. 79-93, 1996.

BAKHTIN, M.M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hircitec, 1995.
____. A estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSA, C. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 77-88, 2002.

CARPENTER, M.; NAGELL, K.; TOMASELLO, M. Social cognition, joint attention, and communicative competence from 9 to15 months of age. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, v. 63, n. 4, p. 1-143, 1998.

DALGALARRONDO, P. **A atenção e suas alterações**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DAVIDOFF, L. A percepção. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: MacGraw Hill, 1983.

FARAH, L. S. D.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. Estudo longitudinal da atenção compartilhada em crianças autistas não-verbais. **Revista CEFAC**, v. 11, n. 4, p. 587-597, 2009.

FRANCO DE LIMA, R. Compreendendo os Mecanismos Atencionais. **Revista Ciências & Cognição**, v. 5, n. 1, p. 113-122, 2005.

GARGEZ, A.; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. Produção e análise de vídeograções em pesquisas qualitativas. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 2, p. 249-262, 2011.

GARCIA, V. L.; PEREIRA, L. D.; FUKUDA, Y. Atenção seletiva: PSI em crianças com distúrbio de aprendizagem. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v. 73, n. 3, p. 404-411, 2007.

KANDEL, E. R. Construção da imagem visual. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. **Fundamentos da neurociência e do comportamento**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1997, p. 311-324.

LAMPRÉIA, C. Avaliações quantitativa e qualitativa de um menino autista: uma análise crítica. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. 1, p. 57-65, 2003.

MEIRA, L. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. **Temas em Psicologia**, v. 2, n. 3, p. 59-71, 1994.

NOGUEIRA, S. E.; MOURA, M. L. S. Intersubjetividade: perspectivas teóricas e implicações para o desenvolvimento infantil inicial. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 17, n. 2, p. 128-138, 2007.

PHAMN, T.H.; VANDERSTUKKEN,O.; PHILIPPOT, P. Selective Attention and Executive Functions. Deficits Among Criminal Psychopaths. **Aggressive Behavior**, v. 29, n. 5, p. 393-405, 2003.

SARTER, M.; GIVENS, B. B, J. P. The cognitive neuroscience of sustained attention: where top-down meets bottom-up. **Brain Research Reviews**, v. 35, p. 146-160, 2001.

SOHLBERG, M.; MATEER, C. A. **Reabilitação Cognitiva**: uma abordagem neuropsicológica integrativa. São Paulo: Santos, 2010.

TOMASELLO, M. FARRAR, J. Joint attention and early language. **Child Development**, v. 57, n. 6, p. 1454-1463, 1986.

TOMASELLO, M. Joint attention a social cognition. In C. Moore e P.J. Dunham (Eds.), Joint attention: It's origins and role in development, Hillsdales, N J: **Lawrence Erlbaum Associates**, p. 103-130)

TOMASELLO, M. **The human adaptation for culture**. Annual Reviews Anthropology v. 28, p. 509-529.

TREVARTHEN C. Conversations with a two-month-old. **New Scientist**, 2 de maio, p. 230-235, 1974.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Revista SOCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília , v. 30, n. 1, p. 25-33, 2014.